

ARTE DO COTIDIANO

Artistas europeus ocupam a cidade com suas obras

Augusto Magalhães

Uma arte discreta. A arte que se mistura ao homem e interage com ele. Os sonhos desenhados e colados em pontos de ônibus. Tudo isso faz parte do cotidiano de João Pessoa desde o início deste mês. De quem é a obra? É de vários artistas suíços e franceses que estão morando e interagindo com a cidade num estágio de arte que vai durar dois meses. Na realidade, eles estão fazendo um laboratório – como se costuma chamar no meio artístico. Além de espalhar os trabalhos pelo centro da cidade, os artistas deverão expor parte deles na área de lazer do Sesc a partir do próximo dia 25.

O laboratório a que se propõem 14 artistas suíços e dois franceses é realizado no corpo-a-corpo. Eles estão literalmente invadindo as ruas de João Pessoa e observando a reação da população à sua arte. Para isso, estão circulando nos ônibus, ocupando ambientes públicos e pregando suas figuras artísticas em todos os lugares por onde passam. Mas, não é somente no papel que a arte interativa está sendo o centro das atenções em João Pessoa.

Os artistas que fazem laboratório na cidade usam de tudo. Há arte produzida em xerox, em fotografia, em jornal e até mesmo em concreto de cimento. A artista plástica Carmen Perrin trabalha com a colaboração dos oleiros (os artesãos que fabricam tijolos manuais). Ela viajou até o sertão da Paraíba, na cidade de Sousa, onde passou 15 dias convivendo na olaria e construiu um forno com aproximadamente 30.000 tijolos. Carmen ficou impressionada com a forma manual de fazer tijolos no interior do Estado. A olaria chamou sua atenção durante uma viagem que a artista fez pelo Sertão.

Todo o trabalho desenvolvido por Carmen Perrin foi documentado em vídeo e fotografia. Numa segunda etapa do trabalho, a artista

realizou a interação com seus interlocutores através da apropriação de sua arte. Com isso, ela quer mostrar aos artesãos que há outras possibilidades de intervenção em sua obra, mesmo usando elementos comuns aos que eles utilizam. O forno é a peça principal desse trabalho, mas a forma como se prepara a argila e até mesmo a forma final do produto podem ser modificados quando se misturam culturas de países e regiões diferentes.

Além de Carmen, artistas como Elisabeth Arpagans, Fabiana de Barros (uma brasileira que mora na Suíça), Joël Bartolomé, Yan Duyvendak, Gunter Frentzel, Goria, Jean Stern, Nathalie Wetzel, Elizabeth Zahnd e Philippe Saire percorrem a cidade e se misturam ao cotidiano para compor elementos vitais para a arte. São elementos como os próprios prédios da cidade e as calçadas que também cedem espaço para o fazer artístico.

Fabiana de Barros criou na Praia do Cabo Branco um Fiteiro Cultural. Não é um fiteiro que vai vender cigarros, bombons ou coisas desse tipo. É muito mais um fiteiro para o encontro de artistas e pessoas afins. Joël Bartolomé interage com a população através do jornal e pergunta diariamente à população: "O artista é o mais indicado para fazer arte?". Gunter Frentzer utiliza o cimento para compor côcos – um dos símbolos do litoral nordestino. Carmen Perrin faz uma pirâmide de tijolos, Jean Stern aproveita os buracos nas calçadas de João Pessoa para produzir sua arte nos espaços vazios deixados pelos mosaicos quebrados.

Enfim, a arte desses suíços e franceses está mostrando pra gente que temos arte cotidianamente e em todos os lugares ao mesmo tempo. Mas, é o tempo cronológico – aquele que passa rapidamente nos ponteiros do relógio – que não permite a percepção disso. Quem sabe, uma paradinha numa tarde de domingo pode ajudar a perceber o quanto somos artistas anônimos?

*Cia. de Dança
Phillippe Saire
em performance
no Convento de
São Francisco*

Como funciona o projeto

O Projeto "Laboratoire" está sendo coordenado na Paraíba pelo artista plástico Diógenes Chaves e tem trata-se de um intercâmbio realizado pelo Centro de Artes Visuais Tambiá (Marlene Almeida), com o apoio de instituições culturais da Paraíba, da França e da Suíça.

Segundo Diógenes Chaves "este projeto nasceu a partir da iniciativa das instâncias culturais da Paraíba, em João Pessoa, que estabeleceu contato com a Pro Helvetia, Fundação Suíça para Cultura, sugerindo que fosse organizada uma manifestação sob a forma de um duplo intercâmbio: João Pessoa acolhendo artistas suíços na perspectiva de um retorno para artistas da Paraíba na Suíça".

"A tenuous dos laços existentes entre os dois países levou a propor uma duração de estadia consequente de dois meses, um tempo necessário para estabelecer os contatos, definir os objetos e os materiais, recolher as imagens, as histórias ou as reflexões. Graças a um protocolo de trabalho preciso, a legibilidade dos meios empreendidos está no coração da relação com o público de João Pessoa: os artistas, os estudantes e a população em geral".



Instalação de Fabiana de Barros na praia de Cabo Branco e colagem de Yan Duyvendak